

contra 2018

pedro alban

Filareto, escultor e arquiteto renascentista, dizia que uma construção é como um homem vivo, que adocece e morre, e que as vezes se cura quando encontra um bom médico. Algumas construções nunca adoecem, e morrem subitamente. Outras são mortas pela ação do homem por um motivo ou outro. As obras de Pedro Alban aqui apresentadas possuem uma inquietante relação com uma casa em ruínas, local onde muitas delas foram concebidas. Construída para habitar pessoas, tornou-se com o tempo vazia, envelhecendo e morrendo aos poucos com o desgaste de suas estruturas através do tempo. Das paredes trincadas surgiram frestas. E o que é uma fresta na parede? Uma fenda que aloja o olhar do outro que tanto nos perturba.

Assim, ao penetrar na velha casa, tive que me despir da ideia de proteção, meu corpo estava em questão, era preciso andar com cuidado pelos diversos cômodos. Encontro um vão onde as obras de Pedro estão espalhadas pelas paredes, algumas inacabadas, mas ainda assim sendo um anteparo para o meu olhar. Me dou conta então que não é mais a parede que escora as obras, mas que são as obras que dão algum tipo de sustentação para que a visão não se perca nas frestas entre os tijolos. Ao escorar a casa com suas obras, Pedro construiu janelas. Despontam então três referências cruciais para a criação do artista: o inquietante olhar paranoico, a instabilidade das coisas e a instabilidade dos corpos. Um nome se impôs para a série de trabalhos: **Contracorpos**.

Nos anos 30 o psicanalista Jacques Lacan concebeu sua teoria do Estádio do espelho como o momento em que a criança constrói a imagem de si a partir de uma relação com a imagem especular. Ou seja, o corpo para a psicanálise não é algo em si, sempre passa por uma construção a partir do corpo do outro. Por isso, contrariamente aos outros seres na natureza, dizemos que “temos” um corpo, e não que “somos” um corpo. Como consequência, ter um corpo, construí-lo, implica poder igualmente desconstruí-lo, ou mesmo perdê-lo. Para Lacan não há promessa de casamento estável entre o Eu e seu corpo.

Se o século 20 foi o século das máquinas e dos computadores, o século 21 é o século do corpo. Graças às peripécias incríveis da tecnologia, o homem hoje reinventa seu corpo sem deuses. Muitas vezes torturado pela exigência de felicidade que o olhar do outro lhe impõe, ele busca aprimorar-se, não sem angústia, diante do espelho. Tornar-se amável não deixa de ser uma ação movida pela intuição paranoica de que o outro pode nos largar. Capturados pelo olhar cego dos Smartphones, todos se conectam, mas acabam cada vez mais sós.

As obras de Pedro retratam essa tensão entre os corpos e as coisas. “São Paulo (porque você é tão ocupada)” pinta a comédia dos amantes entre escoras (talvez muletas?) mostrando a precariedade das relações. Como seres de linguagem, nossa moradia é a palavra, como seres de carne nosso destino é o desencontro sexual, pois nunca dois farão um. Nossa solidão faz com que jamais estejamos seguros do desejo do outro, queríamos que o amor fosse tão sólido como as paredes, mas até estas se corrompem. Como não ser paranoico? Na solidão dos corpos e das casas abandonadas, nem tudo está perdido, podemos nos apoiar na teoria lacaniana que faz da arte a última barreira antes do caos. Onde os nostálgicos sonham com restauração, os artistas vislumbram criação.

Marcelo Veras
Último dia de 2018

créditos

organização

Pedro Alban
Aliança Francesa Salvador

expografia

RMota Cenografia

criação e coordenação geral
Renata Mota

desenho e co-criação
Igor Liberato

cenotecnia
Paulo Florencio Alves
Agnaldo Queiroz

assistente de cenotecnia
Josemar Santos

iluminação
João Batista

design gráfico
Rodrigo Sena

vídeo
Alan dos Anjos

fotografia
Bruna Cook
Eric Cabussú
Fernando Gomes
Lila Ferradans

texto
Marcelo Veras

tradução
Michel Colin

aliança francesa salvador
Mamadou Gaye
Bruna Cook

apoio
Ana Paula Gordilho Pessoa
e Advogados Associados
Buffet Gil Cerqueira

agradecimentos

Anna Karenina Teixeira, Dário Sales Junior, Filipe Duarte, Gabriel Burgos, Iago Lobo, Jonas Ximenes, José Aparecido dos Santos, Júlia Bittencourt, Lilia Gramacho, Luciana Moniz, Luiza Vilela Campos, Marcus Alban, Moacir Dahia, Pedro Leonelli, Pedro Menezes, Pedro Teixeira, Pedro Tourinho, Rodrigo Reis

organização

apoio

